

# Canindé

Revista do Museu de Arqueologia de Xingó



## EDITORIAL

Ao se propor dar salto de qualidade nas publicações do Museu de Arqueologia de Xingó – MAX, a Revista CANINDÉ, de caráter seriado, já em seu quarto número, tem procurado manter a linha editorial preconizada, divulgando na comunidade arqueológica os mais recentes trabalhos produzidos por alguns de seus membros. Entre artigos e notas, 60 trabalhos foram publicados, agregando a produção técnica da arqueologia e etnografia locais (45%), nacionais (50%) e estrangeiras (5%), desempenhando, portanto, seu papel estimulador e difusor da cultura arqueológica na região e no país.

Abrangente em sua temática, a CANINDÉ publicou artigos sobre a cerâmica e grupos pré-históricos ceramistas (10%), ensaios (15%), Antropologia Física e Genética (10%), tecnologia lítica (10%), registros rupestres (1,7%), estudos de caso (10%), enterramentos (5%), etnohistória (1,7%) e palinologia (17%), abarcando, também, como se propõe, temas correlatos de Geografia, Antropologia e História (34,9%).

Reafirmamos nossos agradecimentos à PETROBRAS pelo inestimável apoio às ações empreendidas pelo MAX, viabilizando, entre outras, a publicação da Revista CANINDÉ.

# Canindé

Revista do Museu de Arqueologia de Xingó

## EDITOR

José Alexandre Felizola Diniz

MAX

## COMISSÃO EDITORIAL

Albérico Nogueira de Queiroz	UNICAP
Ana Lúcia Nascimento	UFRPe
André Prous	UFMG
Aracy Losano Fontes	UFS
Beatriz Góes Dantas	UFS
Cláudia Alves Oliveira	UFPe
Emílio Fogaça	UCG
Gilson Rodolfo Martins	UFMS
José Alexandre F. Diniz Filho	UFG/UCG
José Luiz de Moraes	MAE/USP
Josefa Eliane de Santanta Pinto	UFS
Márcia Angelina Alves	MAE/USP
Maria Cristina de O. Bruno	MAE/USP
Marisa Coutinho Afonso	MAE/USP
Pedro Augusto Mentz Ribeiro	LEPAN/FURG
Pedro Ignácio Schmitz	IAP/RS
Sheila Mendonça de Souza	FIOCRUZ
Suely Luna	UFRPe
Tânia Andrade Lima	M.N/UFRJ

Pede-se permuta  
Ou demande l'échange  
We ask for exchange  
Pede-se canje  
Si richiede lo scambo  
Mann bitted um austausch

Home Page: [www.museuxingo.com.br](http://www.museuxingo.com.br)

E-mail: [paxingo@ufs.br](mailto:paxingo@ufs.br)

A revisão de linguagem, as opiniões e os conceitos emitidos nos trabalhos são de responsabilidade dos respectivos autores.

## SUMÁRIO

Editorial ..... 3

### ARTIGOS

- ATRIBUTOS TECNOLÓGICOS DA INDÚSTRIA LÍTICA DO SÍTIO BARRAGEM (DECAPAGENS 01 A 06), XINGÓ – ALAGOAS ..... 9  
CLEONICE VERGNE; MARCELO FAGUNDES
  
- A FORMAÇÃO E A EVOLUÇÃO ESTRATIGRÁFICA DO ABRIGO DO MORRO FURADO: PROCESSOS INTERATIVOS ENTRE A MORFOGÊNESE CÁRSTICA E A OCUPAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA, SERRA DO RAMALHO (BAHIA) ..... 55  
ANA LUISA VIETTI BITENCOURT
  
- UM EXERCÍCIO DO OLHAR: ESTUDO SOBRE A OCUPAÇÃO HUMANA DE UMA PAISAGEM RURAL EM SERGIPE ..... 75  
FABRÍCIA DE OLIVEIRA SANTOS
  
- O CONCEITO DE ESTILO E SUA APLICAÇÃO EM PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS ..... 117  
MARCELO FAGUNDES
  
- FENÔMENO DE FRONTEIRA: O CONTATO CULTURAL ENTRE OS PORTADORES DAS TRADIÇÕES CERÂMICAS PRÉ-HISTÓRICAS NO RIO GRANDE DO SUL ..... 147  
JAIRO HENRIQUE ROGGE
  
- ENTRE ESTRADAS E VEREDAS: O CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA DO BAIXO SÃO FRANCISCO E A TRADUÇÃO DE UMA VIVÊNCIA NO SERTÃO DO SÃO FRANCISCO ..... 169  
FABRÍCIA OLIVEIRA SANTOS; VERÔNICA MARIA MENEZES NUNES
  
- DNA ANTIGO: OBTENÇÃO E ANÁLISE DE DADOS GENÉTICOS A PARTIR DE MATERIAL ARQUEOLÓGICO ..... 193  
MARIANA PIRES DE CAMPOS TELLES; JOSÉ ALEXANDRE FELIZOLA DINIZ -FILHO

- MARCAS DE ROEDORES EN CRÁNEOS DE LAS BANQUETAS,  
CHIAPAS, MÉXICO ..... 211  
JOSEFINA BAUTISTA MARTINEZ; ALBERTINA ORTEGA PALMA; JORGE ALFREDO GÓMEZ VALDÉS
  
- OS INSTRUMENTOS LÍTICOS DA LAPA PINTADA III –  
SERRA DO CABRAL, MINAS GERAIS – BRASIL ..... 229  
PAULO SEDA; ROSÂNGELA MENEZES; KÁTIA DINIZ
  
- TÉCNICAS INSTRUMENTAIS PARA A CARACTERIZAÇÃO  
MINERALÓGICA E MICROESTRUTURAL DE MATERIAIS  
CERÂMICOS ARQUEOLÓGICOS ..... 249  
EVARISTO PEREIRA GOULART
  
- ESTRATIGRAFIA, ESTRUTURAS ARQUEOLÓGICAS E CRONOLOGIA  
DO SÍTIO ÁGUA LIMPA, MONTE ALTO, SÃO PAULO ..... 283  
MÁRCIA ANGELINA ALVES
  
- ESTUDOS ARQUEOMÉTRICOS DE CERÂMICAS INDÍGENAS  
PRÉ-COLONIAIS DAS LAGOAS DO CASTELO E VERMELHA,  
LOCALIZADAS NO PANTANAL SUL – MATO-GROSSENSE ..... 325  
MARCELLA P. FELICIANO; JOSÉ LUÍS PEIXOTO

## NOTAS

- NOTA SOBRE A POSSIBILIDADE DE UMA OFICINA LÍTICA  
NO SÍTIO CAJU - ITAPORANGA D’AJUDA/SE ..... 371  
SUELY AMÂNCIO; JENILTON F. SANTOS; BOSCO GOMES
  
- A QUEM INTERESSAR POSSA: NOTA SOBRE O “DR. LUDOVICO”  
E SUAS CONFERÊNCIAS SOBRE OS FENÍCIOS EM SERGIPE ..... 375  
FABRÍCIA DE OLIVEIRA SANTOS
  
- OS FÓSSEIS DA MEGAFaUNA PLEISTOCÊNICA DO INSTITUTO  
HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SERGIPE ..... 383  
MÁRIO ANDRÉ TRINDADE DANTAS

**INSTRUÇÕES PARA OS AUTORES ..... 395**

# ARTIGOS

# FENÔMENOS DE FRONTEIRA: O CONTATO CULTURAL ENTRE OS PORTADORES DAS TRADIÇÕES CERÂMICAS PRÉ-HISTÓRICAS NO RIO GRANDE DO SUL\*

JAIRO HENRIQUE ROGGE\*\*

## RESUMO

Evidences of culture contact between groups related to the Tupiguarani, Taquara and Vieira archaeological traditions have been observed in southern Brazil for a long time ago, though no specific study had been effectively done. In this way, this paper proposes a tentative explanation of the nature of contact between these populations in the borderlands they established in some areas of Rio Grande do Sul, pointing out the articulation of sometimes intense degree of interaction reflected in nearby site units and/or the presence of ceramic objects and traits. There are indications that such processes of interaction would be catalyzed by the presence of groups related to the Tupiguarani tradition as soon as they colonize all areas covered by the deciduous forest. At about A.D. 1000 such environment shows signs that it would be intensively occupied and exploited, generating negative stress caused by the increasing population pressure. At this time, the resource exploitation seems to have been redirected to alternative environments, establishing borderlands along territories already controlled and/or exploited by different groups. If in some cases the effective settlement in these areas is not possible because adaptive problems and the cost of conflicts induced by the control of the borderlands is too much high to be indefinitely maintained, a territorial strategy based on the group integration would be then put in motion.

**Palavras-chave:** Archaeology, Borderlands, Culture Contact

---

\* Resumo da Tese de Doutorado, apresentada no Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS em março de 2004.

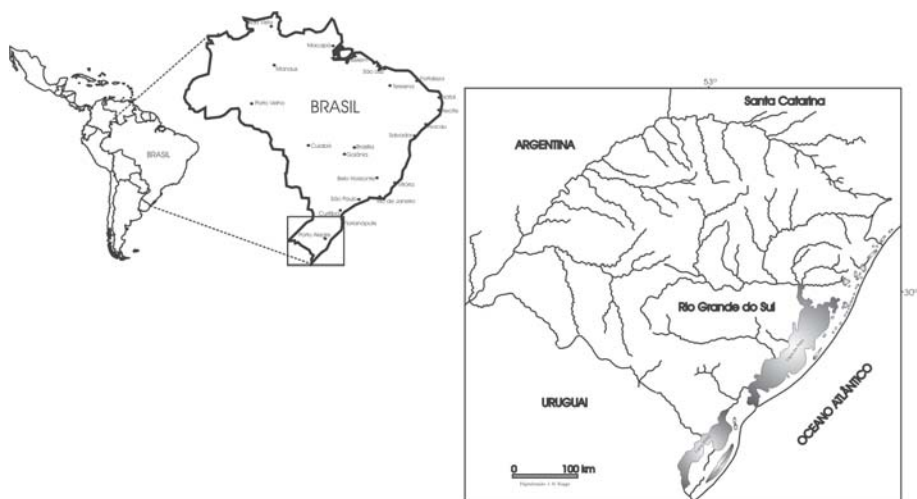
\*\*Instituto Anchieta de Pesquisas/ UNISINOS. Rua Brasil, 725, São Leopoldo, RS. [rogge@bage.unisinos.br](mailto:rogge@bage.unisinos.br)

## INTRODUÇÃO

Ao longo de quarenta anos de pesquisas arqueológicas abrangendo a maior parte do atual território sul-rio-grandense, foi encontrada uma certa quantidade de evidências de contatos entre grupos portadores das tradições cerâmicas Tupiguarani, Taquara e Vieira. No entanto, embora as referências a tais situações sejam recorrentes na bibliografia produzida, tal fenômeno não foi objeto de estudos mais aprofundados.

O estudo das situações de contato entre diferentes grupos humanos pode, nesse sentido, trazer uma significativa contribuição para a construção de um conhecimento que visa a compreensão dos sistemas socioculturais do passado não como unidades isoladas, mas como sociedades atuando em diversos graus de interação (LESSER, 1985).

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo fornecer um primeiro enfoque sobre a natureza das situações de contato entre os grupos ceramistas que ocuparam, a partir do início da Era Cristã, a maior parte do espaço geográfico que compreende hoje o Estado do Rio Grande do Sul.



**Figura 1.** Articulação do Estado do Rio Grande do Sul no contexto geopolítico sul-americano. Fonte: Brasil Polivisual, Região Sul. Esc.: 1:1.250.000

Alcançar esse objetivo implica, porém, em abordar questões mais específicas que envolvem:

- o processo de expansão das tradições arqueológicas cerâmicas e seus respectivos sistemas socioculturais através do território sul-rio-grandense;
- as áreas que potencialmente poderiam se constituir em zonas de fronteira entre estes sistemas, palco das situações de contato;
- a existência de evidências de contatos culturais nessas zonas de fronteira e o(s) seu(s) indicador(es) arqueológico(s) ;
- os possíveis fatores causais de tais contatos;
- as formas de interação articuladas pelos diferentes sistemas socioculturais.

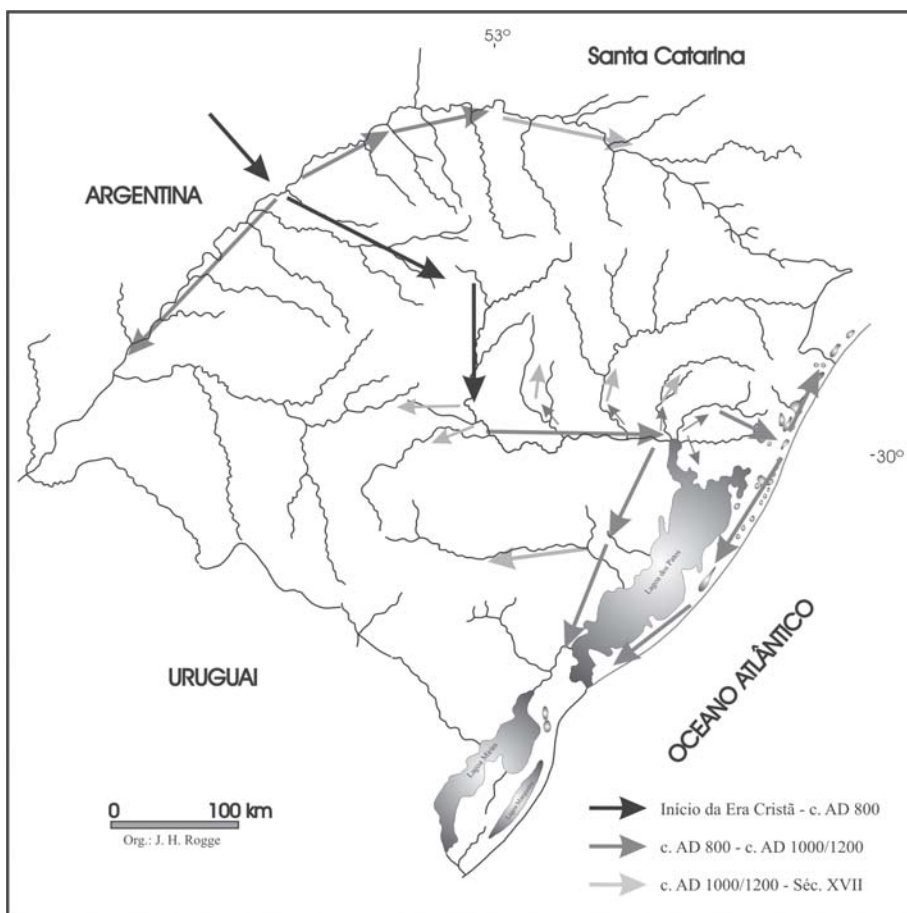
Certamente o contato e a interação cultural não foram algo exclusivo dessas populações ceramistas; várias evidências apontam também para a existência dessas situações entre grupos caçadores e coletores pré-cerâmicos, relacionados às tradições Umbu e Humaitá e entre estes e aqueles grupos ceramistas. No entanto, nosso foco de interesse recai especificamente sobre esses últimos pelo fato de que seus movimentos de expansão e as áreas por eles ocupadas, no Rio Grande do Sul, nos parecem mais bem conhecidos, as culturas arqueológicas nos parecem mais consistentemente definidas e os processos de interação nos parecem mais visíveis através da existência de marcadores relativamente eficientes, tais como as relações entre seus assentamentos e seus bem conhecidos estilos cerâmicos, dentro de espaços geográficos definidos como “zonas de fronteira”.

## **A EXPANSÃO E O CONTATO ENTRE AS TRADIÇÕES CERÂMICAS NO RS**

As populações portadoras das tradições cerâmicas Tupiguarani, Taquara e Vieira, de uma forma geral, distribuíram-se pelo sul do Brasil ocupando, efetiva e eficientemente, sistemas ecológicos específicos, embora muitas vezes tenham explorado também outros ambientes.

Os sítios da tradição Tupiguarani distribuem-se, de forma maciça, ao longo das áreas cobertas pela Floresta Estacional Decidual, que ocorrem principalmente nas férteis várzeas da bacia do médio e alto rio Uruguai e seus tributários e na bacia do rio Jacuí, com extensões para as

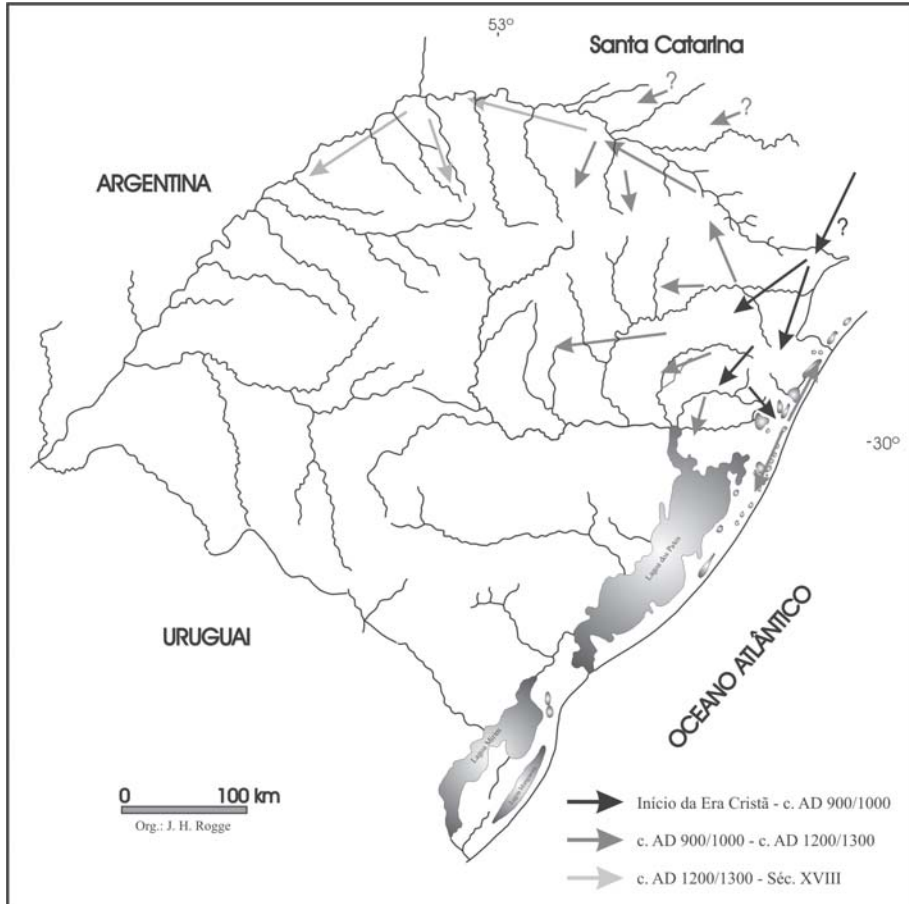
áreas florestadas semidecíduas da Serra do Sudeste e para o litoral atlântico e porções da costa ocidental da Laguna dos Patos. As datações, que remontam pelo menos a partir do início da Era Cristã, indicam uma direção geral de expansão de oeste para leste, da região do médio e alto rio Uruguai para a bacia do rio Jacuí e a costa atlântica.



**Figura 2.** Direções hipotéticas da expansão da tradição Tupiguarani no Rio Grande do Sul.

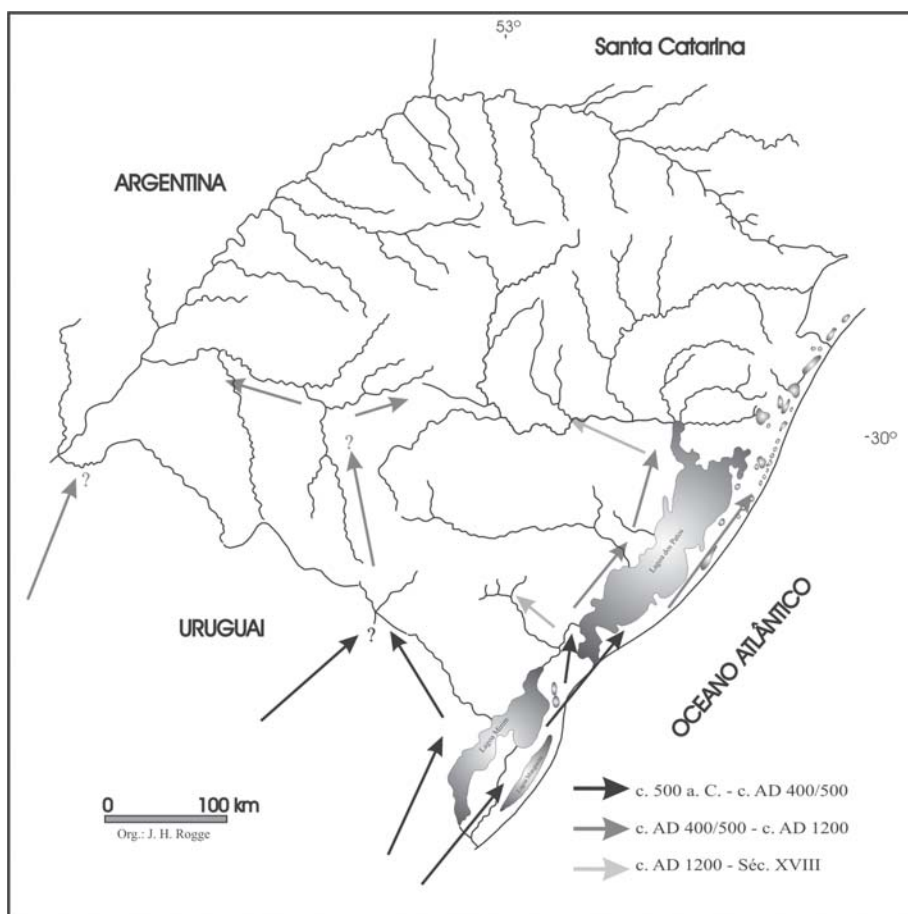
Os sítios da Tradição Taquara são encontrados, principalmente, nas áreas mais altas e frias do planalto, em geral acima da cota de 500 m ANM, diretamente associados à ocorrência da Floresta Ombrófila Mista

com presença da *Araucaria angustifolia*, com algumas extensões para áreas de encosta mais baixa e para o litoral atlântico, em sua porção centro-norte. As datações existentes que remontam desde, pelo menos, o primeiro século da Era Cristã, parecem indicar uma dispersão que toma, de uma maneira geral, o sentido leste-oeste a partir do extremo nordeste do Estado.



**Figura 3.** Direções hipotéticas da expansão da tradição Taquara no Rio Grande do Sul.

Os sítios da tradição Vieira apresentam uma distribuição que coincide com as paisagens abertas do sul do Estado, onde predominam as coberturas vegetais de Savana, Savana Estépica e Formações Pioneiras, especialmente nessas últimas ocupando as áreas alagadiças em torno das grandes lagoas litorâneas, onde ocorrem a maior parte dos “cerritos”, estrutura monticular caracteristicamente associada aos portadores dessa tradição cultural. Pouquíssimas são as datações existentes para a tradição Vieira no Estado, mas em geral parecem indicar um movimento de expansão predominantemente no sentido sul-norte.



**Figura 4.** Direções hipotéticas da expansão da tradição Vieira no Rio Grande do Sul.

Considerando que a distribuição das populações portadoras das tradições Taquara e Vieira envolveu principalmente ambientes ecológicos que não conformam fronteiras bem marcadas entre si já que separados, de uma maneira geral, pelas densas matas estacionais, a expansão dessas duas populações parece não ter provocado maiores tensões, de forma que as evidências de contato entre elas são extremamente raras, indicando que tal expansão não foi suficiente para gerar zonas de fronteira e processos de interação efetivos. Por outro lado, quando as populações portadoras da tradição Tupiguarani, em seu processo de colonização e expansão sobre o território sul-rio-grandense, passam a ocupar sistematicamente as áreas de Floresta Estacional, principalmente a partir do final do primeiro milênio da Era Cristã, o contato entre aqueles e os portadores das tradições Taquara e Vieira torna-se, em muitos locais, evidente. Na medida em que aquelas ocupam as áreas florestadas dos vales dos rios e estabelecem seus nichos ecológicos específicos, processos envolvendo uma crescente pressão populacional poderiam ter levado à crescente exploração de áreas e recursos localizados fora de seu ambiente tradicional, incluindo aí as porções mais altas dos vales dos rios e as áreas litorâneas e lacustres da faixa costeira. A partir daí, o contato com os portadores das tradições Taquara, por um lado e Vieira, por outro, passa a ser efetivo e poderia levar, em determinados casos, à elaboração de estratégias de exploração e controle territorial que envolveriam não somente o conflito aberto mas, em um certo momento, a interação marcada por formas de integração entre os diferentes grupos nas zonas de fronteira que se estabelecem.

Se as relações entre as três populações parecem ter sido frequentemente conflituosas como indicam a maioria das fontes etno-históricas, as informações de caráter arqueológico revisadas neste trabalho parecem mostrar que, em determinados locais, podem ter gerado situações que envolveram formas integrativas de contato através de processos de interação marcados pelo fluxo de indivíduos, de objetos e/ou elementos estilísticos cerâmicos e pelo intercâmbio econômico. Assim como é possível perceber uma unidade cultural, lingüística, política e ideológica quando tratamos de estados nacionais modernos, unidade essa reforçada pela fronteira como limite, também é possível perceber que o comportamento social e cultural nas zonas de fronteira dessas mesmas unidades geopolíticas pode ser muito distinto; situações em que a fronteira não separa ou divide, mas une, em função de interesses e necessidades co-

muns (HANNERZ, 1997; PADRÓS, 1994; REICHEL e GUTFRIEND, 1995).

Em outras palavras, se a fronteira pode ser um fator de separação e disputa, que pode gerar situações de conflito, a zona de fronteira é, em geral, um lugar marcado por decisões e ações que podem levar ao desenvolvimento de processos de interação que se caracterizam pela integração e cooperação entre as diferentes populações que a compartilham. Quer nos parecer que não existem razões para que tal comportamento, percebido em situações históricas mais recentes envolvendo integração nas zonas de fronteira não possa ser remetido a contextos que se desenrolaram no passado, mesmo no contexto arqueológico o qual estamos enfocando, ainda que os fatores causais e seus resultados possam ser de ordem muito distinta.

Nesse sentido, nas zonas de fronteira estabelecidas entre as populações portadoras das tradições Tupiguarani, Taquara e Vieira no território sul-rio-grandense, tal situação de integração fronteiriça poderia ter sido alcançado, em algum momento a partir do final do primeiro milênio d.C. Tal articulação permitiria uma exploração mais eficiente, especialmente por parte dos portadores da tradição Tupiguarani, dos recursos disponíveis nessas zonas de fronteira. Para as outras populações, certamente tal articulação também traria benefícios, especialmente em termos de redução dos custos de defesa dos limites de seus territórios bem como uma expectativa de complementação econômica oriunda de tecnologias e produtos agrícolas mais produtivos do que aqueles que possivelmente possuíam.

Pensamos que a presença de objetos e, em alguns casos, de elementos estilísticos de uma tradição arqueológica em contexto de outra, nos casos em que é comprovada a inexistência de sobreposição de ocupações ou a ação mínima de processos deposicionais e pós-deposicionais que possam ter perturbado os sítios arqueológicos, estariam marcando um processo de interação que se direcionaria à integração entre aquelas populações nessas áreas, não se resumindo à troca de objetos e/ou técnicas mas também estabelecendo uma relação de convivência, caracterizada pelo fluxo de indivíduos e/ou grupos dentro das zonas de fronteiras ou mesmo, em algum momento, no seio de seus próprios territórios de domínio.

## AS ZONAS DE FRONTEIRA E SUAS EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS

Buscando analisar de forma mais sistemática as informações relativas aos processos de interação entre aquelas populações ceramistas, foram selecionadas quatro áreas tomadas como “estudo de caso”. A escolha das áreas partiu, principalmente, dos seguintes critérios: a) a análise da distribuição dos sítios arqueológicos e das prováveis direções de expansão das tradições Tupiguarani, Taquara e Vieira mostram que essas áreas representam “zonas de fronteira” cultural entre essas diferentes populações ceramistas; b) as mesmas áreas também representam, em grande parte, exemplos de fronteiras ecológicas dos ambientes ocupados e explorados pelas diferentes populações portadoras daquelas tradições cerâmicas e c) a existência, nessas áreas, de pesquisas sistemáticas, que forneceram dados confiáveis a respeito da existência de contato cultural.

As áreas são:

- Bacia do Rio Pardo
- Baixo Rio Camaquã
- Litoral Central – região de Balneário Quintão
- Alto Rio Uruguai – região de Itapiranga, SC

Na bacia do Rio Pardo, a maior parte das informações básicas foram produzidas pelas pesquisas coordenadas por P. A. Mentz Ribeiro, culminando em sua síntese sobre a história da ocupação local (RIBEIRO, 1991). A ocupação Taquara nas áreas altas do vale remonta a fins do primeiro milênio da Era Cristã ou mesmo antes, enquanto que a tradição Tupiguarani ocupa as áreas mais baixas de várzea entre os séculos XI e XII d.C. A zona de fronteira e os contatos ocorridos na bacia do Rio Pardo estão marcados, por um lado, pela presença de sítios Tupiguarani muito próximos ou mesmo dentro do território da tradição Taquara, a montante do vale e ultrapassando os limites ecológicos da Floresta Estracional; por outro, pela ocorrência de sítios Taquara nas áreas baixas de domínio Tupiguarani, em certos casos mostrando correlação espacial e temporal (SCHMITZ, DE MASI, BASILE BECKER, MARTIN, 1987) além de “mistos”, com mistura de elementos estilísticos cerâmicos, chamada por Mentz Ribeiro (1991) de “cerâmica aculturada”. Tais evidências indicam que, em algum momento provavelmente entre

AD 1000/1200, possíveis situações iniciais de conflito pela disputa de territórios tenham evoluído para uma acomodação dos dois grupos em uma relação de integração, pelo menos parcial, envolvendo uma relativa convivência e uma possível simbiose.

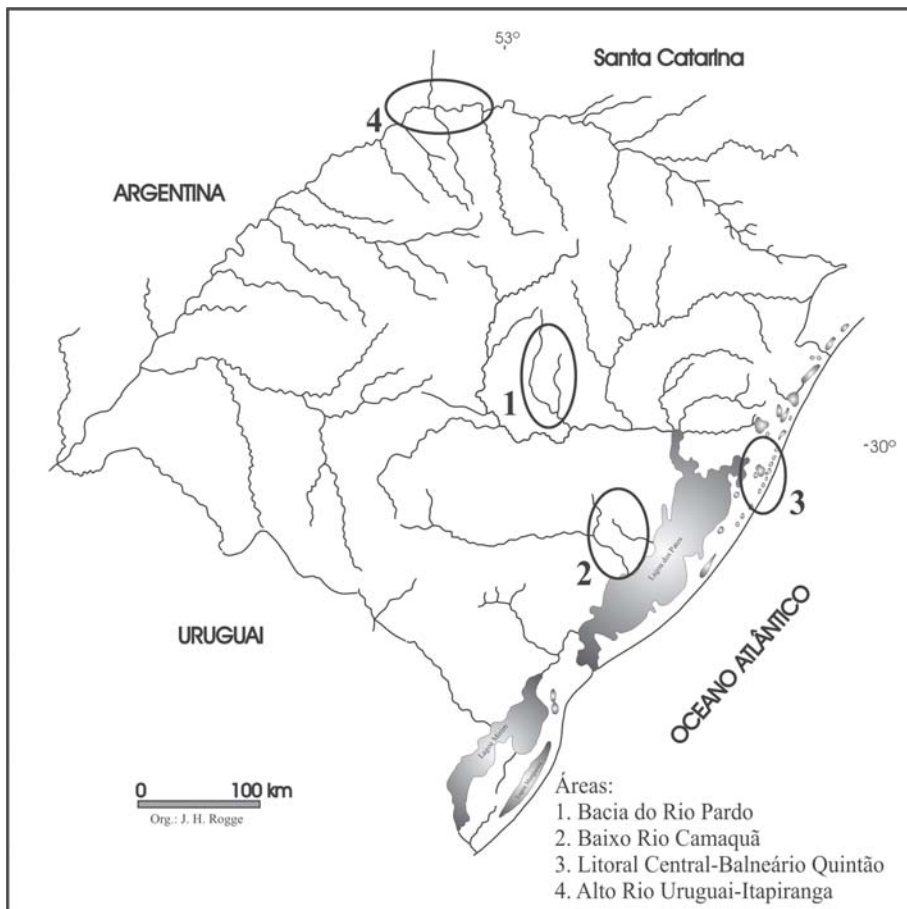


Figura 5. Zonas de fronteira entre as três tradições cerâmicas.

Para a área do baixo Rio Camaquã, foram fundamentais as informações resultantes das pesquisas coordenadas por P. I. Schmitz em fins da década de 1960 (SCHMITZ, RIBEIRO, NAUE, BASILE BECKER, 1970; SCHMITZ e BASILE BECKER, 1970), além das pesquisas de Brochado (1974) e Ribeiro, Ribeiro, Silveira, Klamt (1986) na Serra do

Sudeste e de Rütshling (1989, 1992) na região do Banhado do Colégio. Nas áreas baixas e alagadiças do Banhado do Colégio foram encontrados dezenas de “cerritos” com cerâmica da tradição Vieira que, embora não datados diretamente, podem remontar a uma ocupação desde, pelo menos, da segunda metade do primeiro milênio da Era Cristã. É junto a alguns desses “cerritos” que ocorre uma cerâmica, de origem Vieira, que mostra uma forte incorporação de elementos estilísticos oriundos da cerâmica Tupiguarani, que ocupou as áreas próximas da Serra do Sudeste a partir do século XI ou XII d.C., sobretudo em seus aspectos formais. Não existem, contudo, unidades de sítios Tupiguarani junto aos “cerritos” e, nem mesmo, recipientes cerâmicos da tradição Tupiguarani inteiros, mas tão somente a adoção de formas e, mais raramente, de decoração da cerâmica Tupiguarani pelos grupos dos “cerritos”, indicando talvez a necessidade de novas formas de recipientes adaptadas ao processamento de novos recursos alimentares, o que remeteria a uma interação de caráter econômico, através da troca de produtos agrícolas por produtos e/ou acesso a novas áreas de captação de recursos para os grupos Tupiguarani, tais como as produtivas áreas alagadiças e lacustres ocupadas pelos portadores da tradição Vieira.

Em um “cerrito” foi encontrada cerâmica relacionada à tradição Taquara, que Rütshling (1989, p. 86) credita a “um possível contato com o povo do planalto”. Porém, trata-se de somente doze fragmentos em contexto superficial e que mais parecem indicar um rápida incursão de um pequeno grupo relacionado àquela tradição, provavelmente muito posterior à ocupação Vieira/Tupiguarani.

As evidências arqueológicas remetendo a situações de contato encontradas na região de Balneário Quintão, cujas informações são ainda praticamente inéditas e resultam de pesquisas recentes desenvolvidas pelo Instituto Anchietao (ROGGE, SCHMITZ, BEBER, ROSA, 1997; ROGGE, 1997; ROSA, 2001), mostram a existência de assentamentos “mistos”, que parecem indicar a interação de grupos relacionados às populações portadoras das tradições Tupiguarani e Taquara, que exploram um mesmo ambiente em um mesmo período, de forma sazonal, desde pelo menos 1.200 d.C. Se esses grupos conformaram ali uma zona de fronteira ainda não está claro, mas a maior parte dos sítios mostra que vários sítios claramente relacionados à tradição Tupiguarani apresentam alguns poucos recipientes cerâmicos característicos da tradição Taquara, o que poderia representar uma situação onde os diferentes grupos já estivessem in-

tegrados. Se essa área não conforma exatamente uma zona de fronteira, a mesma pode ser encontrada um pouco mais ao norte, na região litorânea que compreende principalmente o atual município de Osório. Nessa área, ao longo das lagoas litorâneas, é possível perceber indicadores, em vários sítios, de que estava em andamento um processo de interação que também envolvia a integração e convivência entre os dois grupos e que parece ter iniciado desde pelo menos c. AD 800/1000.

No noroeste do Estado, no alto Rio Uruguai, mas a partir de evidências encontradas em sítios arqueológicos localizados em sua margem direita, no município de Itapiranga, SC, oriundas de pesquisas conduzidas principalmente por P. I. Schmitz (SCHMITZ, 1957; (SCHMITZ e BASILE BECKER, 1968; DE MASI e ARTUSI, 1985), pode-se perceber que os grupos relacionados à tradição Tupiguarani gradativamente se afastam da várzea daquele rio e passam a ocupar áreas mais altas, o que parece indicar uma resposta a um processo de crescente pressão populacional naquelas áreas mais favoráveis, estabelecendo-se cada vez mais próximos ao território de domínio e dos sítios relacionados à tradição Taquara. Em um determinado momento, possivelmente não antes de AD 1200, estabelecem uma interação com essas populações que está registrada em sítios onde não somente ocorre cerâmica relacionada aos dois diferentes estilos, embora não sob a forma de empréstimos estilísticos mas, especialmente, pela justaposição do que devem ser unidades residenciais sincrônicas, remetendo novamente a uma situação de convivência.

## A INTERAÇÃO NAS ZONAS DE FRONTEIRA

Pelas evidências relacionadas ao contato cultural nas áreas acima mencionadas foi possível perceber que os processos de interação entre as diferentes populações ceramistas que ocuparam o território sul-riograndense parecem estar relacionados a padrões de interação mais ou menos semelhantes.

Tal semelhança nos mecanismos que envolveram as situações de contato entre os portadores das tradições Tupiguarani, Taquara e Vieira pode ser explicada, em boa parte, pelo fato de que representam um fenômeno acionado por um mesmo sistema sociocultural, relacionado aos portadores daquela primeira tradição arqueológica, em seu processo de expansão e colonização das áreas florestadas do Estado.

Assim é possível compreender seu comportamento, nas zonas de fronteira, como um processo estruturado e com um objetivo fundamental, que envolveria a ampliação das áreas de captação de recursos a fim de buscar uma solução alternativa para problemas envolvendo a pressão populacional e o stress negativo sobre os recursos disponíveis nas áreas então mais densamente povoadas, a partir de uma estratégia que possibilitasse minimizar os custos de conflitos diretos e defesa e manutenção dos territórios nessas zonas fronteiriças.

Ao observarmos novamente as prováveis rotas de expansão da tradição Tupiguarani no território sul-rio-grandense, mostrado na Figura 2, percebemos um padrão de migração fortemente relacionado a um ambiente ecológico dominante, envolvendo as várzeas de rios cobertos por Floresta Estacional, ambiente diretamente relacionado ao sistema cultural de seus portadores; de fato, isso já havia sido percebido desde muito tempo por Brochado (1973a e b, 1984), Schmitz (1985a, 1991) entre outros. A maior parte dessas áreas, pelo menos aquelas onde as condições ecológicas relacionadas ao clima, cobertura vegetal, solos e drenagem eram mais favoráveis, foram colonizadas dentro de um espaço temporal de cerca de 1000 anos, ao longo do primeiro milênio da Era Cristã. Nos séculos seguintes, a expansão Tupiguarani parece ter atingido um ponto culminante, no qual locais cada vez menos favoráveis, relacionados às áreas a montante do Rio Uruguai, dos vales dos rios que descem a encosta sul do Planalto e as pequenas áreas de mata ao longo da costa ou na margem ocidental da Lagoa dos Patos passaram a ser intensamente ocupadas e exploradas.

As áreas de mata mais favoráveis ao estabelecimento de seu modo de vida apresentam um maior adensamento de sítios arqueológicos, refletindo uma ocupação mais intensa. Na medida em que as datas vão se tornando mais recentes, o processo de colonização se expande para locais mais afastados e menos favoráveis que correspondem, de certo modo, às zonas de fronteira com outros sistemas ecológicos e também culturais.

Temos fortes razões para acreditar que tal padrão arqueológico percebido na colonização das áreas de mata pelos portadores da tradição Tupiguarani apresenta uma forte semelhança com o que Anthony (1990), ao tratar de processos de migração, chama de deslocamentos na “forma de ondas”, que se caracterizam pelo movimento de sucessivas ondas migratórias, a curtas distâncias e em um espaço de tempo relati-

vamente longo. Sua visibilidade em contextos arqueológicos está relacionada a uma maior densidade de sítios ao longo das rotas principais de expansão, que por sua vez podem mostrar um caráter relativamente aleatório, o que pode ser percebido pelo padrão dendrítico da expansão dessas populações ao longo das bacias do Uruguai e Jacuí.

O principal mecanismo que envolve a migração em forma de ondas é, segundo aquele autor, o efeito “*push-pull*” (empurrar-atrair). Resumidamente, ele implica em que uma determinada área ocupada, especialmente se circunscrita, após um certo tempo passa a sofrer os efeitos do crescente aumento populacional, o que pode gerar uma forte pressão sobre os recursos locais. Uma vez que essa pressão populacional atua como fonte de stress econômico e social sobre a área ocupada, parte da população (os chamados “grupos pioneiros”), é empurrada em direção a novas áreas, ao mesmo tempo em que essas funcionam como pontos de atração, se possuem os elementos desejados para uma adequada reprodução do sistema sociocultural. Nesse sentido, tal processo constrói e renova sua própria dinâmica.

Fazendo um pequeno cálculo, logicamente propenso a erros e por isso utilizado aqui somente como ilustração da possibilidade real de tal forma de processo migratório estar relacionado com a ocupação das áreas florestadas pelas populações portadoras da tradição Tupiguarani, estimamos que a velocidade dessa expansão, no território sul-riograndense, tenha sido de cerca de 0,8 a 1 km/ano (entre 800 a 1000 km de extensão em cerca de 1000 anos). Tal taxa de expansão é mais ou menos coincidente com aquela calculada para a expansão das economias neolíticas no continente europeu (AMMERMAN e CAVALLI-SFORZA, 1984), reconhecidamente associadas aos mecanismos de migração em forma de ondas.

Dessa forma, por volta de AD 800/1000, todas as áreas mais adequadas para a aplicação do modelo socioeconômico característico daquelas populações já haviam sido ocupadas e exploradas, sem que houvesse ainda a necessidade de explorar áreas ecologicamente distintas, cuja maior parte estava sob domínio territorial de outros grupos, como os relacionados às tradições Taquara e Vieira.

A partir desse momento e com a dinâmica populacional atuando no sentido de proporcionar a continuidade do crescimento demográfico, induzido especialmente pela utilização eficiente de um sistema tecnoeconômico, social e simbólico que centraliza em um espaço físico

ecologicamente específico o seu principal elemento integrativo e considerando ainda que esse espaço físico, agora, já é bastante limitado, essas populações partem para a exploração de áreas menos favoráveis às quais, em geral, seu modo de vida não está adaptado. Essas áreas incluem, entre outras, pequenas drenagens afastadas dos rios de maior porte ou então as porções mais altas dos vales dos rios que já ocupavam, nas áreas de encosta alta do planalto.

Porém, essas áreas mencionadas possuem, somente para ficar na questão da produtividade agrícola, um rendimento relativamente baixo e, além disso, tornam-se cada vez mais circunscritas para serem capazes de sustentar uma população mais ou menos densa sem que houvesse a necessidade de explorar, ao mesmo tempo, outros ambientes ecológicos que poderiam fornecer outros tipos de recursos, relacionados à coleta e caça. Especialmente nas áreas altas dos vales dos afluentes da margem esquerda do Rio Jacuí, esse outro ambiente ecológico com disponibilidade de recursos está associado à Floresta Ombrófila Mista que, no entanto, era ocupada e explorada por uma população relacionada a outro sistema sociocultural.

Em outras áreas de mata estacional, ocupadas pelos portadores da tradição Tupiguarani, como na Serra do Sudeste, o mesmo problema de stress negativo se configura e as áreas que possibilitam uma complementação de recursos mas que não permitem uma ocupação efetiva por serem ecologicamente distintas, como os campos e banhados da margem ocidental da Lagoa dos Patos já estão, por sua vez, também ocupadas por outros grupos culturalmente distintos.

Logicamente, as populações portadoras da tradição Tupiguarani não eram incapazes de resolver problemas relacionados à pressão demográfica de formas alternativas. Porém, estratégias voltadas à migração para novas áreas, do modo como foram usadas anteriormente, não mais representariam uma solução eficaz. A reestruturação sócio-política e econômica, no sentido da crescente integração a uma “economia política” regional poderia representar uma alternativa válida mas, aparentemente, pelo menos nos casos estudados, efetivamente não ocorreu. A invasão e ocupação dos territórios sob domínio de outras populações poderia ter sido uma estratégia eficiente em alguns casos ou nos primeiros momentos de contato, mas não existem indícios de ocupação efetiva e permanente das áreas de matas de pinheiros do planalto, dos campos ao sul do Rio Jacuí ou das áreas alagadiças da Planície Costeira e, mesmo

nas áreas de mata de restinga do litoral, a maior parte da ocupação parece ter sido na forma de acampamentos temporários, com baixo a médio grau de permanência (ROGGE, 1997), com exceção talvez de algumas áreas do Litoral Norte.

Em todas essas áreas uma permanência efetiva implicaria, além do alto custo de uma ampla e rápida reestruturação adaptativa e cultural, um custo igualmente alto na defesa e manutenção das fronteiras desses novos territórios ocupados.

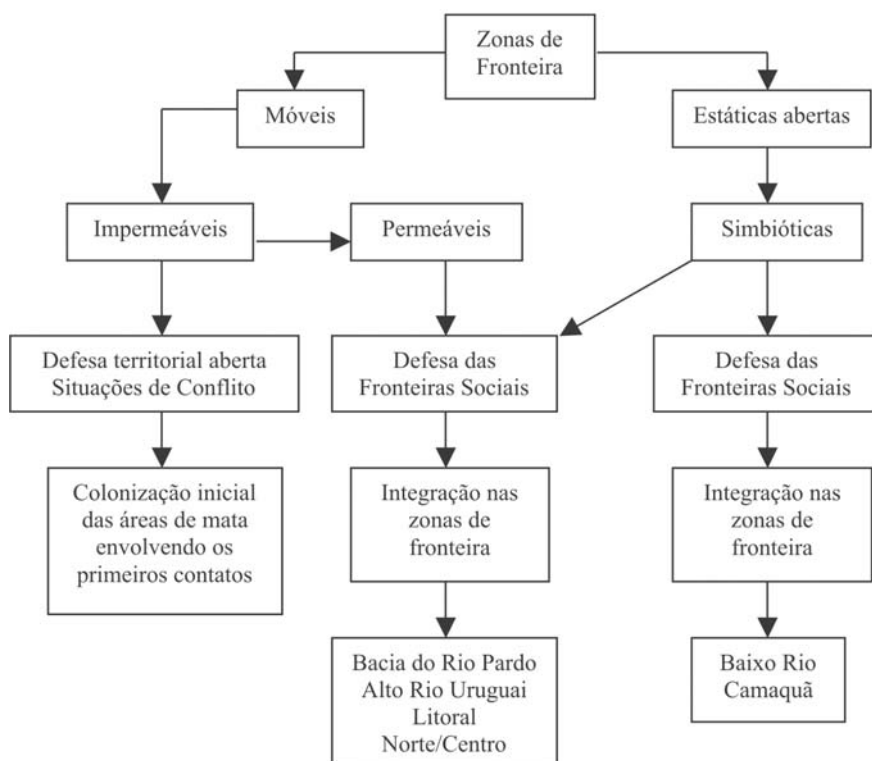
Se a exploração das zonas de fronteira, ou porções delas, relacionadas aos sistemas ecológicos explorados e dominados por outras populações a partir de estratégias envolvendo o controle e defesa territorial, como demonstram Dyson-Hudson e Smith (1978), pode ter sido uma solução inicial o seu alto custo, na forma de constantes conflitos, talvez tenha superado os seus prováveis benefícios. Particularmente nessas áreas, onde a pressão sobre os recursos disponíveis seriam maiores, as evidências arqueológicas parecem indicar o uso de estratégias territoriais mais complexas e de certa forma indicadoras de um processo que deveria envolver a possibilidade de acesso aos diferentes recursos nessas zonas de fronteira e que envolveriam também o estabelecimento de certos “laços” sociais e econômicos entre os diferentes grupos. Em certa medida, tal estratégia teria alguma semelhança com o que Cashdan (1983) chamou de “defesa das fronteiras sociais”, forma alternativa de controle territorial que não envolve menos o conflito e muito mais a interação baseada no fluxo de pessoas e informações.

Nesse sentido, uma estratégia direcionada à interação e integração sócio-econômica poderia trazer um maior benefício, já que minimiza os custos relacionados a conflitos, em direção a uma exploração mais eficiente dos recursos disponíveis nessas zonas de fronteira. Além disso, os benefícios ocorreriam em um duplo sentido, tanto por parte de um como de outro sistema em interação, no sentido de uma real “integração fronteiriça”.

## CONCLUSÃO

Em todos os casos vistos acima, como já foi dito, parece haver um denominador comum: a pressão recorrente de uma mesma população que certamente deve ter acionado os processos de contato, aquela portadora da tradição Tupiguarani, na medida em que sistematicamente colonizou as áreas cada vez mais próximas às fronteiras dos territórios ocupados e dominados pelas populações relacionadas às tradições Taquara e Vieira. O resultado, embora não necessariamente imediato, foi a articulação de uma estratégia econômica mais eficiente e voltada a minimizar os problemas crescentes ocasionados pelo stress negativo em seus territórios de domínio bem como os custos dos conflitos de base territorial nas zonas de fronteira, através de um processo de interação bastante estruturado e marcado pela integração com os outros dois diferentes sistemas socioculturais, envolvendo um fenômeno de integração fronteiriça que, certamente trazendo benefícios às partes envolvidas, foi marcado por uma relativa cooperação e convivência, permitindo o estabelecimento de interações sociais, culturais e econômicas.

Com relação à dinâmica das zonas de fronteira estudadas, resumida no esquema abaixo e em parte seguindo a proposta de Denel (1985, p. 135), as evidências indicam que teriam sido freqüentemente móveis e permeáveis, ou seja, caracterizadas por um relativo fluxo de objetos, informações e pessoas, em maior ou menor grau e freqüentemente de caráter simbiótico. Em um caso, o do baixo Rio Camaquã, parece ter se configurado uma fronteira estática, porém aberta, com uma dinâmica caracterizada principalmente pelo fluxo de diferentes recursos alimentares e de informações, mas sem a presença de unidades de assentamento justapostas ou “mistas”.



Nesse trabalho tentamos compreender e explicar a natureza de determinadas situações de contato entre as populações ceramistas que ocuparam o território sul-rio-grandense. Como pode ser percebido, foram usados como base de dados somente as informações encontradas na produção bibliográfica arqueológica e, somente em um caso, a partir de dados primários praticamente inéditos oriundos de pesquisas realizadas pelo próprio autor juntamente com a equipe do Instituto Anchieta. O resultado disso é, nada mais, do que uma primeira visão (e uma primeira versão) de fenômenos de fronteira muito mais complexos que, para um maior entendimento, deveria incorporar informações de caráter etno-histórico e etnográfico e, fundamentalmente, um tratamento do material arqueológico a partir de métodos e técnicas analíticas muito mais sofisticadas, associado a pesquisas de campo dirigidas especificamente a esse tema. Questões ainda mais complexas deveriam envolver estudos desse tipo, como perspectivas que levem em conta o importante papel das esferas ideológicas e simbólicas dos sistemas socioculturais envolvidos.

Porém, queremos acreditar que aquilo que foi proposto nesse trabalho possa ser visto como um exercício de reflexão inicial sobre a questão do contato cultural entre populações pré-históricas, fazendo o modesto papel de encorajar alguns de nossos colegas a realizarem pesquisas mais sistemáticas a respeito desse tema que, a nosso ver, é de fundamental importância para a compreensão dos processos socioculturais que estão por trás de muitos dos contextos arqueológicos encontrados e que denotam formas particulares de ocupação, organização e exploração do espaço por diferentes populações humanas do passado.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANTHONY, D. W. Migration in archaeology: the baby and the bathwater. **American Anthropologist**, n. 92, 1990, p. 895-914.

AMMERMAN A. J., CAVALLI-SFORZA, L.L. **The Neolithic Transition and Genetics of Population in Europe**. Princeton: Princeton University Press, 1984.

BROCHADO, José J. J. P. Migraciones que difundieron la tradición alfarera Tupiguarani. **Relaciones de La Sociedad Argentina de Antropología**, n° 7, 1973a, p. 7-39.

BROCHADO, José J. J. P. **Desarrollo de La Tradición Alfarera Tupiguaraní (AD 500-1800)**. Porto Alegre: UFRGS, Gabinete de Arqueologia, Publicação n° 3, 1973b.

BROCHADO, José J. J. P. Pesquisas arqueológicas no Escudo Cristalino do Rio Grande do Sul (Serra do Sudeste). **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, n° 26 (PRONAPA 5). Belém: MPEG, 1974, p. 25-51.

BROCHADO, José J. J. P. **An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture Into Eastern South América**. Carbondale: University of Illinois at Urbana-Champaign, 1984 (Tese de Doutorado).

CASHDAN, Elizabeth. Territoriality among human foragers: ecological models and an application to four bushman groups. **Current Anthropology**, vol. 24, n. 1, 1983, p. 47-66.

DE MASI, Marco A. N., ARTUSI, L. Fase Itapiranga: sítios da tradição Planáltica. **Pesquisas**, Antropologia n° 40. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1985, p. 99-121.

DENNELL, Robin. The hunter-gatherer/agricultural frontier in prehistoric temperate Europe. In: **The Archaeology of Frontiers and Boundaries** (Stanton W. Green, Stephen M. Pearlman, Eds.). New York: Academic Press, 1985, p. 113-139.

Canindé, Xingó, n° 4, Dezembro de 2004

DYSON-HUDSON, Rada, SMITH, Eric Alden. Human territoriality: an ecological reassessment. **American Anthropologist**, nº 80, 1978, p. 21-41.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. **Mana**, vol. 3, nº 1, 1997, p. 7-39.

LESSER, Alexander. The right not to assimilate: the case of the american indian. In: **History, Evolution and the Concept of Culture: Selected Papers by Alexander Lesser**, (S. W. Mintz, Ed.). Cambridge: Cambridge University Press, Occasional Paper Nº 3, 1985, p. 108-115.

PADRÓS, Enrique S. Fronteiras e integração fronteiriça: elementos para uma abordagem conceitual. **Humanas**, v. 17, nº1/2, p. 63-85, 1994.

REICHEL, Heloisa J., GUTFREIND, Ieda. **Fronteiras e Guerras no Prata**. São Paulo: Atual Editora, 1995.

RIBEIRO, Pedro A. M. **Arqueologia do Vale do Rio Pardo, Rio Grande do Sul, Brasil**. Porto Alegre: PUCRS, 1991. (Tese de Doutorado).

RIBEIRO, P. A. M., RIBEIRO, C. T., SILVEIRA, I., KLAMT, S. Levantamentos arqueológicos no alto vale dos rios Camaquã e Irapuá, RS, Brasil. **Revista do CEPA**, 13 (15). Santa Cruz do Sul: FISC, 1986, p. 41-84.

ROGGE, Jairo H. Função e permanência em assentamentos litorâneos da tradição Tupiguarani: um exemplo do litoral central do Rio Grande do Sul. **Anais do IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. Em CD-Rom. Rio de Janeiro, SAB, 1997.

ROGGE, Jairo H. Assentamentos litorâneos da tradição Tupiguarani: Projeto Quintão. **Revista do CEPA**, vol. 23, nº 29. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999, p. 215-217.

ROGGE, J. H., SCHMITZ, P. I., BEBER, M. V., ROSA, A. O. Assentamentos pré-coloniais no litoral central do Rio Grande do Sul: Projeto Quintão. **Anais do IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. Em CD-Rom. Rio de Janeiro: SAB, 1997.

ROSA, André O. Análise preliminar dos remanescentes faunísticos do sítio RS-LC-96. In: **Anais da XI Reunião Científica Da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. Rio de Janeiro: SAB, 2001. Em CD-Rom.

RÜTSCHILLING, Ana L. B. Pesquisas arqueológicas no baixo Rio Camaquã. **Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos 03**. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1989, p. 7-106

RÜTSCHILLING, Ana L. B. **Reconstituição do Paleoambiente da Região do Banhado do Colégio, Camaquã, RS**. Porto Alegre: UFRGS, 1992. (Dissertação de Mestrado).

SCHMITZ, Pedro I. Um paradeiro guarani no Alto Uruguai. **Pesquisas, Antropologia** n° 1. Porto Alegre: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1957, p. 122-142.

SCHMITZ, Pedro I. "Território de domínio" em grupos Tupiguarani. **Boletim do MARSUL**, n° 3. Taquara: Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul, 1985, p. 45-52.

SCHMITZ, Pedro I. Migrantes da Amazônia: a tradição Tupiguarani. In: **Arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul**. (A. A. Kern, Org.). Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991, p. 295-330.

SCHMITZ, Pedro I., BASILE BECKER, Ítala I. Uma indústria lítica de tipo alto-paranaense, Itapiranga, SC. **Pesquisas, Antropologia** n° 18. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1968, p. 21-46.

SCHMITZ, Pedro I., BASILE BECKER, Ítala I. Aterros em áreas alagadiças no sudeste do Rio Grande do Sul e nordeste do Uruguai. **Anais do Museu de Antropologia**. Florianópolis: Museu de Antropologia, UFSC, 1970, p. 91-123.

SCHMITZ, Pedro I., RIBEIRO, Pedro A. M., NAUE, Guilherme, BASILE BECKER, Ítala I. Prospecções arqueológicas no vale do Camaquã, RS. **Estudos de Pré-História Geral e Brasileira**. São Paulo: USP, Instituto de Pré-História, 1970, p. 508-524.